

Luís do rego

Luís do Rego nasceu em Erechim, Rio Grande do Sul, em 1925. Menino ainda ingressou no Juvenato dos Irmãos Maristas, e como religioso chamava-se Irmão Roberto Teódulo (Irmão Robertinho, como era chamado na intimidade pelos confrades de hábito). Foi professor em Lajeado, Rio Grande e Porto Alegre, no Colégio N. S.^a do Rosário.

Licenciou-se em Letras Clássicas pela antiga Faculdade de Filosofia, hoje Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Publicou várias obras de cunho didático, e colaborou em publicações internas do Colégio N. S.^a do Rosário e na revista *Ideal*.

De família chamava-se Brasileiro Facin.

Quando o médico lhe declarou que estava atacado de leucemia e que lhe restariam três meses de vida (sic!) e com tratamento, pouco mais de um ano (sic), profundo foi o abalo que ele sofreu, mas aproveitou para viver mais religiosamente seus últimos dias, e pôs em ordem vários escritos, preparando-se com toda a dramaticidade para a viagem sem retorno.

Embarcou, depois, para os Estados Unidos, seguindo intenso tratamento no Memorial Hospital de Nova Iorque. Dramática a correspondência entretida com vários de seus confrades, nesses últimos dias. Faleceu em Nova Iorque em 1955.

OBRAS: *Pastor e Pai*, *Epiifania Mariana*, *Arca da Aliança*, *Lívrio*, *Violeta*, *Sarça Ardente*, *Rosa Mística* (obras de Mariologia), *Teoria Completa da Música*, *Manual de Canto Orfeônico* (livros didáticos), *Porta do Céu* (seu último livro, versando Mariologia). Inúmeras poesias, muitas delas inéditas, outras publicadas em revista.

Entre seus escritos encontramos o poemeto que agora publicamos, intitulado "Os Brasis".

No fim do escrito declara que foi composto num só jato, na primeira semana de agosto de 1946.

OS BRASIS

I

Rompei-vos, *pétreas grimpas altaneiras,*
Pontões *alcantilados e ladeiras*
Dos *íngremes maciços que esses ares*
Varejam, *atalaias seculares,*
Buscando se *embeber no céu anil!*
Rasgai o vosso *seio, ó terras do Brasil!*
Redai a nossos *olhos as ocaras,*
As *enfumadas bélicas caixaras*
Dos *brônzeos íncolas brasis, que outrora*
Nas *matas irrompiam desde a aurora*
Ao *pôr do sol em nosso céu radiante!*
Redai a nossos *olhos um instante*
Rever o *canitar e a tangapema,*
As *festas do cauim, a glória extrema*
Das *lutas e conquistas e os ruidos*
Das *tabas que já são de tempos idos!*
Queremos *reviver em nossa história*
Os *brados altanados de vitória,*
Vagidos de *epopéia e de heroísmo,*
Rugidos de *selvagem patriotismo*
Que *encheram nossos vales e florestas,*
O *sangue que fumou na morte destas*
Cabildas, *que já foram e não são*
Porque *não toleraram servidão!*

E *vós, ó rios imensos, que rolais*
Em *catadupas brancas as caudais,*
Detende *vosso curso no sertão adusto*
E *devolvi-nos o tupi robusto*
Que *outrora vossas ondas apartara*
A *tripular veloz a sua igara*
E *em vossas águas tão feliz se fez*
Em *horas de ruidosas poracês!*

Redai-nos *as ossadas de igaçabas*
Suspensas *nos solares dessas tabas*
Que *a morte em sopro gélido varreu!*
Ó *tempo, aqui suspende o curso teu.*
Devolve-nos *o íncola que a clava,*
E *a lança e a flecha as matas varejava,*
No *rastro do tapir e do veado,*
Nação *tupi de corpo bronzeado*
Que *ao céu erguia punhos sem cadeias,*
E *sem grilhões nas túrgidas areias,*
Que *sonham o marulho do oceano*
Ao *escaminho do sertão insano*
Gravou *com as pisadas seu vigor,*
O *sangue das vitórias e da dor!*

II

Não *correm mais impérvios matagais*
Da *terra brasileira os naturais,*
Da *onça ou do tapir batendo a pista,*
Tampouco *nas encostas inda avista*
Quem *cruza pelas serras altaneiras*
O *brilho tremulante das fogueiras*
Que *do íncola agourento iluminava*
O *sono com a luz mortíça e flava.*
Não *silva mais a seta em nossos ares,*
Não *cruzam mais pirogas nossos mares,*
Porque *não mais existe o enduape,*
O *índio em canitar e de tacape!*
Nas *matas em que outrora combatia*
A *taba contra a taba numa orgia*
De *sangue e de massacres, a pantera*
Habita *nos destroços da tapera.*
Sabei *porém que à chuva e à ventania*
Esparsas *pela angusta serrania,*
Dormindo *ao murmurar das cachoeiras,*

Na relva das campinas brasileiras
Alvejam as carcaças descarnadas
Dos filhos dessas tribos massacradas
Que um dia o nosso solo senboris
Pisavam, raça nobre, boa e feliz!
Não mais as horas de triunfo e paz
Ao som dos sacrossantos maracás,
Os sonhos agoureiros e pressagos,
A maga nostalgia em outros pagos!
Rolaram essas crenças e esses povos!
O evento atroz dos nossos tempos novos
Vibrou cruel a foice, e hoje em dia
Mal resta no folclore, só e fria,
A lenda duma raça ardente e forte,
Que tão-somente após a luta e a morte
Se viu que era digna de viver!
Irrrompe nova aurora a novo dia...
Sublime luz a mata me irradia,
Dos píncaros de ferro e de granito!
Não mais serás, indígena, maldito...
Caiu a treva da maldade nova,
Coagula sangue apodrecido à prova,
Farelos e migalhas das nações!

Voltai, ó gentes de mil e quinhentos,
Indígenas heróicos do Brasil,
Que no evolver de tempos tão odientos
Sereis modelos às gentes de dois mil!

III

Um dia o mar de bojo cristalino
Emerge uma fantástica visão:
Na auréola de vapores do nascente
Há monstros que se geram de repente,
Imensas asas ao bofar impando,

Abertos rijos braços sustentando
Um cipóal cerrado de cordame
Pendente sobre o mar que espuma e brame!
Que querem esses pássaros em bando,
Imensos, sobre as vagas balouçando
Quais sonhos agourentos a desgraça,
Abutres cujo bando negro passa,
Sinistro agitador de sonhos tantos
Dos incolos brasis? Que quer? Que traz
Nos ventres monstruosos? A que vem
O bando de avantesmas? Busca a quem?
Nos túrgidos antrais daqueles panos
Dois símbolos luziam soberanos:
Casava-se o brasão das lusas quinas
À cruz
A mais divina das armas divinas!
E quando a noite enegreceu o mundo
Sumiu-se o adventício mas no fundo
O céu dos trópicos com viva luz
Do escudo luso havia copiado a cruz...

IV

E a lusa caravela busca a praia.
Ali, na areia branca em que desmaia
Ceruleo mar em plangitiva queixa
E umedecida com seu pranto a deixa,
O incola brasil silente e quedo
Os lusos aguardou sob o arvoredado...
Rumor do mar, das armas... praia cheia,
Aos olhos do aborigine se alteia,
Serena, da conquista precursora,
A cruz de Cristo, a eterna vencedora.
E então...
Aos olhos dos que o mar havia dado,
Um velho indígena surgiu bronzeado,

Das mãos com uma o céu mostrando
Ao mesmo tempo que acenava à cruz.
Aquilo que ele disse o luso bando
Não pôde compreender. Talvez diria
No linguajar tupi, que nela um dia
Morrera um Deus... quiçá Jesus...
Índigena brasil, profeta dessas gentes,
Arcanjo anunciador dos céus ardentes,
Bronzeado do clima tropical, venero
O vulto teu que surge além, sincero,
Nas brumas do nascer de nossa história!
Lendário vulto, a raça transitória
Nos musculosos braços teus venero
Resumida! Não, já não mais persiste
Teu povo vagabundo, heróico, triste!
Não mais na serra escura a rocha ecoa
Os cantos dessa gente forte e boa!
O povo que no braço armazenava
A força da pantera altiva e brava,
No peito o tom dolente e as toadas
Que baixam do alto céu pelas caladas
Das noites tropicais. E em cujo idioma
Soava a mesma nostalgia que toma
O canto do sabiá. Não mais habita
À sombra da palmeira a raça invital
Mas tu indígena de quem o nome
Nas brumas do passado esvai-se e some,
Que aponta misterioso aos naturais
O céu azul — não morrerás jamais!
O vórtice voraz do tempo engole
Os povos, as nações, do mundo a mole,
Porém escapa ileso ao escarcéu
O braço que viveu mostrando o céu!

Retorna, ó índio de mil e quinhentos,
Heróico indígena do Brasil
Que no evolverem tempos tão odientos
Dirás do céu às gentes de dois mil!

V

Ao som dos glaucos mares ululantes,
Picados pelos sóis e rutilantes,
Em meio da cerrada mata-ria
O branco edificou morada um dia.
Seu ferro destroçou o talo esguio
Dos buritis. Selvático despiu
A praia verde dos verdes cocares,
Alegres, a acenar aos verdes mares!
Fugiu a arisca e meiga juriti
Que vinha contemplando o mar dali.
Sacrílegas violaram as sapatas
De ferro ensangüentando nossas matas.
Escalavraram tímidos lençóis
De areia amorenada a nossos sóis!
Depois o branco olhou rapaz, dali
Os montes de granito do tupi...
Que quer? Que busca na insaciável sanha?
O sopro da ambição, eis, o arrebanha,
Lá pisa sobranceira sua sapata,
Tilinta sua espada, irrompe e mata!...
Caudal de sangue e atro crime
Já prende e agrilhoa, fere e oprime!
Nas mãos aperta a tocha comburento,
Que prenhe de discórdias de repente
Deflagra contagiando toda aldeia,
Voraz espoca, o incêndio enorme ateia!
Os fogos das selvagens almenaras
Aos poucos arrefecem nas ocaras,
E tinem os grilhões, soluça e geme
O índio exposto à servidão extreme...
Senhor, por que é que fuma assim ardendo
A serra dos tupis no incêndio borrendo?
Perdeu a brava gente seu tacape
Que assim em pânico decaía e escape?

Pois, onde as setas dos tupis da aljava
A quem a terra em matas se entregava,
A força que o tapir ou que a pantera
Jamais vencer ou ter em par pudera?

Meu Deus, que sanha arrouba o homem branco,
Que infernos lhe coagem tal arranco,
Diabólico e tenaz, satânico e violento,
Que não se apieda com nenhum lamento,
Feroz e sanguinário e homicida
Sanbudo a reclamar os bens e a vida!

Cegou-o a ambição que não tem norma,
Cegou-o a ambição que o bem deforma,
A sede do metal, cruel, voraz,
Que o anjo até transmuda em Satanás!
Frenético, na mente bole e escalda,
O sonho decantado da esmeralda,
A serra rutilante, a obsessão
Que arrasta as caravanas ao sertão!
E o índio das montanhas brasileiras
Sentiu-se propelir pelas bandeiras...
Escravo, deu os pés de peregrino
Aos cardos do estradar de seu destino,
Confiou seu punho ao ferro das algemas,
Seus ombros deu às lides mais extremas
Premeu a vida em rolos de moendas,
Suor verteu em glebas de fazendas,
Ao látego gemeu do garimpeiro...
Sofreu, calou o índio brasileiro!

Senhor, reevoca de mil e quinhentos
O mártir aborígine brasil,
Que no evolverem tempos tão odientos
Será modelo às gentes de dois mil!

VI

E o branco prosseguindo ao índio disse:
"A terra que mimou-te a meninice,
Agora é minha, e a vida que ela estua!"
E o índio disse a soluçar: "É tua!"
"São meus também os antros da floresta,
E o verde que em seus ramos manifesta,
E o pássaro, e o tapir que dela vêm!"
E o índio replicou: "É teu também!"
"É meu o oiro que resfulge ardente
Reflexos sob as águas da torrente.
É minha a prata e todo o seu valor!"
E o índio retrucou: "Serás senhor!"
"É minha a terra imensa do Eldorado,
O reino misterioso e decantado
Que eleva a rocha de esmeralda em serra!"
E o índio retrucou: "É tua a terra!"
"São minhas essas tabas, e as embiras,
E a piroga, e as setas com que atiras,
E o piri que os rios sonda e vareja!"
E o índio redargüiu: "Tua, assim seja!"
"Mas quero mais. A caça não apenas,
Pois quero teu cocar de rubras penas,
Teu enduape e as talhas do cauim!"
E o outro inda repôs: "Pois seja assim!"
"A religião que tens não mais terás.
Estala contra a rocha os maracás.
Daqui por diante já serás cristão!"
E o índio concedeu sem mais: "Pois não!"
"E agora meu também de ti ser há de
A esposa, o filho e tua liberdade.
Serás escravo como os animais!"
E o índio então rugiu: "Jamais! Jamais!
Jamais, ó branco! O índio nasce livre!
Não há poder que a norma lhe desfibre.
A terra é tua, sangue de tiranos!"

O ouro é teu, ganância de vesanos!
O índio brasileiro é filho desses ares,
Criou-se sobre a espuma desses mares.
Jamais, jamais tiranos vingarão
Pear-lhe os pés na vil escravidão!
Do luso não terei cobarde o nome.
A terra, e a taba e o rio me tome;
Da raça dos brasis, porém, encontra a clava
Que antes quer ser rota do que escrava!"
Rompei-vos sepulturas do tupi,
Heróis de Pindorama, ressurgi!
Alarma, ó gentes de mil e quinhentos!
Alarma, gentes livres do Brasil!
Sibilem os borés aos quatro ventos,
Que a voz nos ouça a gente de dois mil!

VII

E o branco prosseguiu: "Ó índio, escuta.
Convém sopites a natura bruta.
Loucura o que somente em ti persiste
Sustendo a lança da batalha em riste.
Teu grito quebra além a dura pedra
Da serra em que só o cardo nasce e medra.
Sou forte e tenho meios. Minha lança
Rompeu a serra e muito além alcança.
Não vês que é louco o resistir, não vês
Que em pó se esvai tamanha intrepidez?
Quem vai livrar-te das algemas, se
Eu as cerrar nos punhos teus, tupi?
Não pode a flecha com a carabina!
O embate irresistível te fulmina
E o ferro das espadas lusitanas
Não teme das selvagens durindanas!
O teu cocar de variegadas penas
Dar sombra pode e adorno à fronte apenas."

A vastidão do teu peito desnudo
Da minha espada rasga o gume agudo.
Teu grito estulto é cântico de morte
Que bem mereceria mais justa sorte.
E teu valor, e tua valentia
Um outro escopo bem mereceria.
Não vês que pouco ou nada mais adianta
Ardor tamanho de comoção tanta?
Que o vozerio todo, o alardear
Não passam de braçadas vãs ao ar?"

E o índio retorquiu: "Em vão, ó branco,
Intentas sopear meu bravo arranco!
— Morrer em liberdade, à vida escrava —
Foi lema que meus sonhos embalava
Na minha infância e bem com esses nós
Prendi-me à geração de meus avós!
São rudes os meus arcos, mas o forte
Não olha se é pra dar ou ter a morte,
Se quer ser livre, ele e a pátria amada.
Ao lado disso tudo, o mais é nada.
Senão Tupá um outro deus não tem
O índio, e outra lei que a lei do bem.
Nos meus robustos braços vive e luta
A terra brasileira livre e bruta.
Pois o arco, e a embira e a seta ervada
Busquei-as na floresta mais cerrada.
No cimo da montanha nevoenta
Lasquei da lança a ponta virulenta.
Dos imos do oceano o tubarão
Mandou-me os dentes que na aljava estão.
O mar jogou punhados de conchinhas
Na areia e delas fiz os meus colares.
Despiram a plumagem avezinhas
Com que teci variados canitares.
Verás, vil estrangeiro, a tangapema
Vibrar terrível, sibilar a seta.

E quero ver só um teu que mais não trema
Que pise o chão com alma em paz e quieta!
Aceito o arrogante desafio.
Farei cobrir de igaras todo o rio.
Detrás de cada tronco da floresta
Terás um filho meu e em cada fresta
Da folhagem, verás surgir terrível
Na flecha do tupi tiro infalível."

Alarma, ó gente de mil e quinhentos.
Alarma, gentes livres do Brasil.
Sibilem os borés aos quatro ventos!
Que a voz nos ouça a gente de dois mil!

VIII

E o branco retornou a suas aldeias.
Estrênuo labutou três luas cheias
As forjas retinindo. Sobre a incude
Moldou furioso o ardente ferro rude.
O gume das espadas aguçando
Cantava um canto atroz de vez em quando:

"Selvagem bruto e idiota que por plagas
Longínquas, como besta inculto vagas,
Bem vejo, não tens alma que palpita
Criada a fim de ter glória infinita.
Não queres ser escravo: morrerás.
Farei em migas os teus maracás.
Darei a chama à palha das cabanas,
E sobre sangue as armas lusitanas
Hão de cantar, ovantes, triunfais
Na hora em que não existirem mais
Tuas legiões. Porque jurei-te a morte,
Joguei os dados vis de tua sorte.
E cego, à desventura desse fado

Irás fugindo louco e tresmalbado
Rasgando os pés na rocha pontiaguda
Em vão bradando por Tupá que acuda.
A vida, índio, vê que não se joga
Assim como tu moves a piroga!
Manter tal posição que é falsa e injusta
A taba, a esposa, o filho e o sangue custa.
Terás em teus quadris sanguissedenta
De minha espada a ponta aguda, lenta,
As carnes bronzeadas penetrar-te
Sem dar-te couto e paz alguma parte.
Verás teu campo escalavrado, o aipim
Com que fermentas festival cauim
Talado. Então, chorando a triste sorte,
Lutando por furtar-te à fera morte
Teu pranto rolará na cinza quente
Do que te fora taba antigamente,
Da raça americana persistindo
A dor, a cinza e o pranto injindo.
Verás o forte arcando sob o jugo,
Teu filho sob o látego verdugo,
E as filhas a servirem-me de escravas
Na terra em que senhor antes pisavas!
E tu maldita raça desumana,
E cega, e maltrapilha, e nu vagando,
Irás por séculos em forma andando
Qual verme à minha sombra soberana!"

À morte as gentes de mil e quinhentos
À morte a raça bruta do Brasil!
Famfarras atroai aos quatro ventos,
Nos ouça o grito a gente de dois-mil!

IX

No entanto o índio ruma triste à taba,
Na hora enlanguesciente em que se acaba
O dia. Atrás dos leques do coqueiro

O sol procura o oeste brasileiro.
Das matas no recesso então se escuta
A voz do alado vate, do sabiá.
A esposa do tupi deixa a labuta
Da gleba em que a plantar o milho está.
À pista do preá os tupizinhos
Inundam buliçosos os caminhos,
Ou correm palpitanes e joviais
Saudar, com festas de inocentes os pais.
Na oca o índio à rede se reclina.
A esposa traz, doçura peregrina,
O favo que roubou quando tornava,
Ao topo carrasquento, à rama brava.
De noite, viva acende-se a fogueira,
Reclina-se ao redor a prole inteira.

"Moema, a nuvem negra do homem branco
Toldou o nosso céu de modo franco.
A terra que até agora possuímos
Que foi o nosso berço, em cujos imos
Repousam funerais igaçabas
Daqueles que fundaram nossas tabas,
O céu, o bosque, o fogo, a flecha, a choça,
Por pouco tempo, creio, será nossa.
O branco quer escrava nossa raça,
Escrava que ao avaro satisfaça...
Os filhos quer levar a suas moradas,
Quer ver as nossas filhas ultrajadas...
Jurei velar por nós, por mim, por ti,
Jurei viver tupi, morrer tupi!...

(Longo silêncio)

Apronta minbas armas, minba lança,
A clava que lavrei como criança,
O mesmo arco que antes manejava
Vencendo o vil tapuia. E a mesma aljava...
Irei ao campo contra o branco ousado,
Não tornarei sem ver-lhe castigado

O orgulho. Juro não tornar até
Que sua tibia seja meu boré.
A nosso filho dobrarás desvelo.
Repousa o anjo?"

"Acabo de revê-lo.

Tupá mandou-lhe sono calmo e amigo."
"Feliz, que durma! Longe está o perigo
Enquanto de minha mão não escape
Rompido, sobre o pó, o meu tacape!"
"E partirás?"

"E partirei, Moema!"

"E morrerás!"

"Não morrerá meu lema!"

"Pois então?"

"Por nosso filho vela!"

"Sem ti? Na mata? Nos perigos dela?
Em vão. Contigo irei. Na luta ardida
Na hora em que expuseres tua vida
Ali estarei. Serei o teu escudo.
E assim se for, por cúmulo de tudo
Que tombes sobre o sangue de teu peito...
Não vais sozinho ao funerário leito
Porque estarei também já morta!
Eu juro, e creio que isso te conforta..."

"E nosso filho?"

"Pois irá comigo!"

"Irás expô-lo aos golpes do inimigo?"

"Irá. Em meio à bulha da refrega
Verá como é que o herói jamais se entrega..."

"Pois bem, Moema, vem. E se assim for,
De ver-te escrava não terei a dor.

Tupá, Deus de bondade que o pajé
Do branco nos pregou, vê nossa fé.

É certo que ele vela por nós, se
Morreu para salvar cada tupi.
Moema, fosse o branco assim como é
Bondoso, terno e amável seu pajé!"

Calou-se o índio. Ao chegar-se à porta
Notou que a tarde há muito que era morta.
No fundo escuro do céu brasileiro
Estrelas tremulavam do Cruzeiro.
Silente deslizava além o rio,
Sob o agitar do matagal bravio,
Aos roucos uivos da pantera brava
Que alguma presa fácil espreitava.
Mais longe o marulbar do mar. Então
Em meio à encantadora orquestração
Ouviu-se um tintinar que parecia
O grito da araponga ao ir-se o dia!...
Ab! o homem branco sobre a forja ardente
Batia os ferros incansavelmente!...

X

No dia crástino ao cair da tarde
Na hora em que o estelário no céu arde
Ainda frouxamente, a mata ouvia
Ritmar a voz, em bárbara alegria,
Alguém aos tons duma tupi canção:
"Tupi, raça forte, descansa na clava,
Mais vale-lhe a morte do que ser escrava!
Escrava queria-te o branco fazer
Mas a cobardia não pode valer.
As armas tomando à planície descí
Inúmero bando de gente tupi.
O número, asinba, de quantas ubás
Da frota que eu tinha, não calcularás.
Nem quantas igaras que trouxe a remar
Jamais encontraras na face do mar.
Um tiro somente de setas que dei
Toldou totalmente o brilhar do astro-rei.
Na minha afoiteza colhi de surpresa
O branco na empresa de os ferros bater.

Tremeu ao alarde, pois vê-se, não arde
Seu peito cobarde, na chama tupi.
Estulto, que fazes? As sanhas vorazes
Manejam tenazes, e forjam grilhões?
Estás prisioneiro do índio guerreiro,
Tupi brasileiro, senhor dos sertões!
O teu desafio da taba ele ouviu
Armou-se e saiu, te veio buscar.
Valente soldado, na clava apoiado
Estou a teu lado disposto a lutar.
Então não sabias que as hostes bravias
Das terras invias não sabem fugir?
Acaso ignoravas que as onças mais bravas
Se rendem-me escravas, me foge o tapir?
Pois desembainha a espada, que a minha
Boré, manhãzimba, troou a canção!"
E o branco tremendo, imediatamente
Pediu ao valente, chorou compaixão!
"Nada há que valer-te, ó raça solerte,
Cobarde vilão!
Por que é que batias por noites e dias
Os ferros então?"
"Índio, considera que busca-me a fera
Da mata cerrada!
Não vês que resume
O branco a defesa, fiado no gume
De rígida espada?"
"Temor também era que tinhas à fera
Acaso esse dia no qual me insultaste?"
"Ó índio, sonbaste! Jamais te faria
Injúria! Jamais!"
"O índio não mente, cobarde insolente!
À morte tu irás!
Lá no alto da serra já o fogo crepita
Ó raça maldita de víboras más!
Do canto de morte compõe o poema
Pois já a tangapema te aguarda de lú!

Então de repente surgiu mansamente
Cordeiro paciente, do branco o pajé,
O qual tem idioma que a fúria me doma
E todo me toma, nem sei como é!
E o branco fugiu-me à rude vingança.
Jurou-me submisso é o que me descansa!
O orgulho quebrei-lhe, calquei-lhe meu pé,
Zoi-lhe os ouvidos ao som do boré.
Tão cedo não torna a Iperoig
Ouvir os caciques do povo tupi.
Tupi raça forte repousa na clava,
Mais vale-te a morte do que ser escrava!

Teus feitos valentes do virgem Brasil
De mil e quinhentos a todos os ventos
Atroem às gentes do ano dois mil!"

Calou-se então. A noite já enviuvava
O céu da luz que nosso dia aclara!
O côncavo celeste, multifário
Ao longe eletrizava o lampadário
Dos astros. Lá no sul vivo e fagueiro
Pousava sobre os mares o Cruzeiro.
E os ecos dessa voz rouca e selvagem
Foram ferir das serras a miragem.
Ouviu-se o som terrível de rugidos
Que são das onças fúnebres gemidos.
No leste rutilava em prata o mar
Picado por espumas e luar.
Na praia, a sós, um vulto movimentava
A sombra peregrina, esguia, lenta.
O índio olhou pensativo a roupeta
E as lágrimas retendo disse: "Anchieta,
Anchieta, arcanjo tutelar, sem ti
Ao branco quem salvara do tupi?"
E ouviu-se o eco retrucar dali:

"Quem dera que salvasse o meu tupi!"
Na praia Anchieta suspirava assim...

XI

Gaiyota alvinitente da confiança
Que sobre os mares do viver balança,
Nos mares cuja espuma em longa esteira
A agitação fervilha e acarneira,
Gaiyota branca que o sol matutino
Saúda por primeiro, pequenino
E branco ponto de asas, sobre os mares,
Gaiyota branca e pura dos confiares,
Responde, donde o índio brasileiro,
Teu vulto enegreceu, antes fagueiro,
No negro abutre do descaso vão,
Nas asas vis da despreocupação?
Por que não sustentou a lança em riste,
A salvo da esparrela odienta e triste,
Que o branco armava? Silenciando então
O ritmo vivo da triunfal canção?
Estrelas do Cruzeiro, verdes matas,
Exuberante flora que desatas
Em cores e perfumes o Brasil,
Imensa terra, imenso céu de anil,
Por que é que vossa agitação de amores,
Esse ondular de aromas e de cores
Não soube sustentar de pé o tupi,
Manter de aldrava o canto guarani?
Ai, fados de meu povo, nobre gente,
Marcou-te o fim a mão do Onipotente!
E quando celebravas com orgias
O teu triunfo e alegre percorrias
De novo essas florestas encantadas
O branco temperava o gume das espadas!
Tua confiança e doida alegria
Ouvir o tilintar não consentia
Das forjas... Ignoravas que o tinir
De claro som, malhava teu porvir!
(Algemas que atariam a liberdade!)

Confiaste no homem branco, é verdade...
De novo arqueaste o peito ao ar sadio
Da mata escura. Nas águas do rio
Lavaste alegremente a memória
Cuidados em canções de paz e glória.
Correste louco, enfeitiçado, o dia
Gastando na amplidão da mataria.
Tornaste à luta contra a serra e os mares,
Silvaram setas coriscando os ares,
Buscando o dorso do jaguar malhado
No pascigo a rondar veloz veado.
De novo balançou a tua ubá ligeira
Riscando o mar de espuma em alva esteira.
Falaram os augúreos maracás;
Mentiram-te afirmando eterna paz!
Perigos para ti já não temias!
E louco, na embriaguez das alegrias,
Frenético em arroubos de entusiasmo,
Olhava-te a pantera em grande pasmo.
Imensa e fértil terra, terra boa
Que as vozes todas sempre bem ecoa!
Responde aos gritos de esperança,
Riquezas ao sem sorte meiga alcança,
Natura que de pródiga até é cega,
Caminhos tantos tem que se navega,
Montanhas de esmeraldas e safiras,
Mansão ideal das mais fecundas liras,
Ó terra feracíssima, ubertosa,
Quem é que te não ama se te goza?
Amou-te o índio e quis-te ardentemente
Buscou-te livre com ardor demente;
Tornou a erguer a labareda viva
Das matas no recesso em noite esquiva.
As águas azuladas outra vez
Colheram entusiastas poracês.
Ouviram as florestas o baquear
Em roncões feros a onça e o jaguar

Ó terra bela e imensa... e assassina,
Narcotizaste a raça peregrina!...
Ai, garça branca dos confiares,
Encolhe as asas, busca-te outros mares,
Que branca já não és; funéreo e triste
O vulto teu não há quem não aviste!...
Confiar nos homens, ah! meu Deus confiasse
O índio antes no falcão rapace!...

Alarma, ó gente de mil e quinhentos!
Alarma, ó povo heróico do Brasil!
Por que sonhar em tempos tão odientos
Que bradam por vingança até dois mil?

Venceu porém o branco a luta injusta!
Venceu provando a sangue quanto custa
Comprar vitórias sobre heróis.
A verde Pindorama, campo extenso
Erguia ao céu os fumos desse incenso
Que fuma do cadáver dos heróis.
Nem arco viu-se inteiro nos lençóis
De sangue. Nem tampouco alguma clava
Partida que não fosse lhe restava!...
Porque
De sul a norte a raça perseguida,
Rugiu, clamou vingança destemida
Ao lígubre ulular de seu boré,
E ardente, épica, esperou de pé!...
Do côncavo dos vales, das montanhas
Nos topos de granito, bordas tamanhas
Baixaram para a praia varonis
Que pareceu haver tantos brasis
Quantas estrelas têm no céu fulgor!
(Que estrelas bem o eram no valor!)
E o índio combateu. Os peitos nus
Expôs à espada lusa e o sangue à luz.
Que importa que morresse? pois que importa
Viver chorando a liberdade morta?

*Por dias lutou o bravo, dias? que digo?
Pois anos e mais anos o inimigo
A areia não pisou senhor de si
A salvo do tacape ou seta do tupi.
Buscando apoio nas rudes ameias
Das serras litorâneas de feras cheias
De hora em hora acogulando a aljava
Mais bravo e decidido retornava.*

*E as dumas das areias brasileiras
Sedentas, ressequidas às soalbeiras
Beberam borbotões de sangue vivo
Do peito que morrer onson altivo!
E o índio vê a tão cruel derrota,
Seus pagos invadidos, ouve e nota
Que rola para o solo o maracá,
A tradição tupi e goianá.
O branco vê surgir de alta cerviz
Cantando já a vitória e altivo diz:*

*"Chegou a hora, ó besta das florestas!
Eu quero que te rendas para que estas
Montanhas de ouro, e prata e granito
Pertencam a mim só, a mim, repito."*